

O que vemos é resultado de um processo de formação lento, lentíssimo. É preciso tempo para que algo, que acontece em um movimento contínuo fora do alcance dos olhos, se consolide. Sua presença na superfície da Terra (ou, mais raro, debaixo d'água) é indício do constante movimento, sob nossos pés, das placas tectônicas. Uma fenda que abre comunicação com o interior do planeta, onde materiais incandescentes, como magma, gases e líquidos extremamente quentes se acumulam e, de tempos em tempos, muitas vezes sem aviso, emergem. Desenhos rupestres descobertos na gruta de Chauvet-Pont d'Arc, no sul da França, são considerados a mais antiga representação conhecida de uma erupção vulcânica e revelam como, desde a pré-história, vulcões nos fascinam e aterrorizam.

Especialistas dizem que não existem vulcões ativos no Brasil, mas, aqui, carnavais são como vulcões. A maior e talvez mais complexa manifestação popular do país também é algo que se constrói ao longo da história, ano após ano. Em boa parte do tempo se dá fora do nosso campo de visão, acumulando pressões, desejos, conflitos, fantasias, esperanças e decepções, até encontrar um momento de erupção – ao mesmo tempo espetacular e assustadora. Inaugurada em fevereiro, às vésperas do carnaval, *Como funcionam os vulcões* é como um esquentar, propondo um diálogo com essa quentura crescente que antecede a chegada do carnaval no Rio de Janeiro, tomando a imagem do vulcão como metáfora. Aqui, essa celebração popular não se faz presente como um recorte histórico ou temático, mas como método, uma chave de leitura para olhar o mundo, lidar com ele, e se fazer presente. Um “acontecimento poético-urbano”, como definiu Hélio Oiticica, que se apresenta como princípio, método de trabalho ou material fundamental para a produção e o pensamento artístico, e tudo o que está à sua volta.

As obras de Amelia Toledo, Arthur Chaves, Barrão, Cerith Wyn Evans, Ernesto Neto, Ivens Machado, Janaina Wagner, Leda Catunda, Maria Manoella & Mauro Restiffe, Rivane Neuenschwander & Cao Guimarães, Rodrigo Cass, Rodrigo Matheus, Tiago Carneiro da Cunha, Valeska Soares e Yuli Yamagata reunidas nesta exposição são lidas a partir de seus interesses pelo acúmulo, pela transformação e por um sentido amplo de emergência. Nos colocam entre o maravilhamento e a tensão, o espetacular e o latente, a gestação prolongada e o imprevisível, o fantástico e o silencioso.

Em seu último livro, *Ma mère rit* [2013, *Minha mãe ri*], a cineasta Chantal Akerman (1950-2015) percorre suas memórias e relembra o dia em que sua mãe lhe falou sobre "a necessidade de rir em meio à catástrofe anunciada. Rir sobre um vulcão". O conselho ecoa a sabedoria popular, que costuma dizer que quanto mais difícil é o ano, mais explosivo é o carnaval. "A felicidade é uma arma quente", como nos lembra Belchior (ouvindo Lennon e McCartney nos trópicos) ou, "A alegria é a prova dos nove", como escreveu Oswald de Andrade no *Manifesto Antropófago*¹ (1928). Mais do que tentar explicar carnavais ou vulcões, *Como funcionam os vulcões* carrega em seu título uma pergunta indireta. Um convite ao público a habitar territórios em ebulição.

Fernanda Lopes

¹ Agradeço Janaina Wagner por essa lembrança.